

## AMBIGUIDADE LEXICAL EM TIRINHAS: POLISSEMIA E EFEITO DE HUMOR

Morgana Fabiola Cambrussi\*  
Talita Veridiana Hack Poll\*\*

**Resumo:** Este trabalho analisa a ocorrência de ambiguidade lexical por polissemia em textos do gênero tirinha, descrevendo os diferentes significados dos itens lexicais geradores do sentido ambíguo. O cunho humorístico e a associação entre linguagem verbal e não-verbal permitem ao gênero tirinha apresentar um contexto bastante propício ao aparecimento da ambiguidade lexical como recurso para a produção de efeitos de sentido, como a ironia e o sarcasmo, ambos proeminentes em textos de crítica indireta e de humor. A polissemia é um tipo de ambiguidade complementar, o que favorece seu emprego em certos jogos de linguagem, diferentemente da homonímia, que é um tipo de ambiguidade contrastiva. Realizadas as análises, os resultados do estudo apontam que a polissemia é um recurso empregado em um nível estrutural básico para produção de efeito de humor em tirinhas.

**Palavras-chave:** Ambiguidade lexical. Polissemia. Tirinhas.

**Abstract:** This paper analyses lexical ambiguity occurrence by polysemy in comic texts and describes the different meanings from lexical items that generates ambiguity. The effect of humour and the association between verbal and non-verbal language allow comics to produce a matching context to lexical ambiguity as a resource to realize meaning effects, like irony and sarcasm, both common in texts with humour and indirect criticism. The polysemy is a regular kind of complementary ambiguity and its use in some language games, unlike homonyms which is a kind of contrastive ambiguity. As a result, the study pointed out polysemy as a resource used in a basic structural level to produce humour effects in comic texts.

**Keywords:** Lexical ambiguity. Polysemy. Comics.

### Introdução

O presente trabalho objetiva a análise da ocorrência de ambiguidade lexical por polissemia em textos do gênero tirinha. Esse gênero geralmente apresenta um texto de natureza híbrida, ou seja, mescla a linguagem verbal e a não verbal. As tirinhas possuem um delimitado espaço horizontal, bem como balões e vinhetas para representar as falas dos personagens, essa interação entre ambas as linguagens contribui para a produção do sentido

---

\* Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó-SC, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura. Contato: morganacabrussi@yahoo.com.br.

\*\* Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó-SC, Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura. Contato: talitaveridiana@hotmail.com.

objetivado no texto. Sendo assim, o hibridismo é parte fundamental para sua interpretação, pois as cores, os desenhos, as formas e todos os recursos utilizados são elementos essenciais para sua compreensão, paralelos ao material linguístico, pelo qual se estabelecem efeitos de humor como o desencadeado pela ambiguidade lexical.

Partindo do fenômeno linguístico semântico denominado ambiguidade lexical, este trabalho intenciona detalhar aspectos de significado de itens lexicais ambíguos empregados para a produção de efeito de humor em textos do gênero tirinha, identificando os casos de ambiguidade lexical (e os itens lexicais causadores da ambiguidade) como ocorrência de polissemia. Segundo Ferraz (2014), nos casos de ambiguidade lexical por polissemia, é possível perceber uma relação, também chamada de acepção básica, existente entre os diferentes significados de um mesmo item lexical. Ademais, buscamos evidenciar aspectos microestruturais de natureza semântica que possam ser constitutivos do gênero estudado.

Ao discutirmos a constituição e o propósito comunicativo de determinado gênero, é preciso lançar mão de uma importante distinção: entre macro e microestrutura. Segundo Lisboa (2005), a microestrutura diz respeito à coesão de elementos e segmentos entre as proposições, ou seja, é formada pelas distintas ideias, uma a uma, e também pelas relações lineares que se estabelecem entre elas, entre cada proposição em relação à antecedente e à consequente. As proposições, por sua vez, contêm como elementos o predicado e os argumentos, também elementos microestruturais. Já a macroestrutura de um texto é o conjunto de proposições (macroproposições) que serve para dar sentido, unidade e coerência global ao texto (LISBOA, 2005, p.13). Portanto, a macroestrutura refere-se à totalidade do texto, às partes mais gerais como as subdivisões, tema, contexto de produção, enquanto a microestrutura refere-se às escolhas lexicais, emprego de recursos gramaticais, palavras e vinculações internas (MARCOLIN; MATTOS, 2009).

Partindo-se do pressuposto de que a tirinha favorece o aparecimento da ambiguidade lexical, este trabalho contribui para a evidência de como aspectos microestruturais são marcados na composição do gênero. Em geral, a macroestrutura tem ganhado destaque na investigação de gêneros textuais, mas consideramos que há carência de estudos que apontem como a microestrutura, em seus aspectos semânticos, é constitutiva de gêneros como a tirinha.

O desenvolvimento do trabalho está organizado em três seções, sendo que, na primeira, discutimos o fenômeno da polissemia e como a semântica lexical define esse fenômeno (em contraposição à homonímia); na segunda seção, discutimos o gênero textual tirinha e sua constituição micro e macroestrutural; na terceira seção, discutimos e analisamos tirinhas segundo esta proposta de investigação, com foco centrado na polissemia como

elemento causador de efeito de humor e pertencente à microestrutura textual. Ao final, são apresentados os resultados, sistematizados pelas considerações finais do trabalho.

### **Ambiguidade lexical por polissemia**

A ambiguidade ocorre sempre em contextos linguísticos em que palavras ou frases admitam interpretações alternativas. Contextualmente, os significados são estabelecidos na cena enunciativa, em que dificilmente se terá a permanência ou a manutenção da ambiguidade, dado o fato de o contexto possuir a potencial capacidade de precisar os significados. Entretanto, em situações de humor, como as registradas em tirinhas, a manutenção da ambiguidade pode ser desejada como efeito de sentido, em contextos em que a alternância de interpretações desencadeia o efeito cômico desejado. No caso da ambiguidade lexical por polissemia, um item lexical apresenta mais de um sentido e seus diferentes sentidos estão relacionados, mas esse não é o único contexto de ambiguidade lexical, já que ela também pode ser desencadeada por homonímia (ARAGÃO NETO, 2003; 2011; FERRAZ, 2014), como veremos a seguir. Esses fenômenos estão muito próximos e fazem parte do quadro de indeterminação de sentidos.

A homonímia ocorre quando há mais de um sentido para uma palavra ambígua, os quais não possuem relação entre si, e pode ser dividida entre homofonia e homografia, sendo que, se ambas coincidirem, tem-se um caso de homonímia perfeita (LYONS, 1987). As palavras homógrafas são as que possuem a mesma grafia, porém sua pronúncia e seus sentidos são distintos. Já as palavras homófonas são as que possuem sentidos distintos para o mesmo som e grafias diferentes. Observem-se os exemplos:

- (1) pata:       - fêmea do pato  
                  - pé de animal

Em (1), temos uma homonímia perfeita, pois as duas palavras *pata* são homógrafas e homófonas. São homônimos porque compartilham formas gráfica e fonológica, mas os significados não possuem nenhuma relação. *Pata* fêmea do pato significa que existe um animal fêmea denominado pata, e *pata* pé de animal significa a parte inferior da perna que assenta no chão. Há identidade de categoria, pois ambos são substantivos, mas nenhuma relação semântica entre os dois significados de *pata*. Em (2), observa-se outro tipo de relação:

(2) sexta/cesta

Nesse caso, temos uma homofonia, pois, embora tenham a mesma forma fonológica, sexta/cesta não possuem mesma grafia. É um caso de homonímia porque os significados não são relacionados, há apenas um caso de coincidência fonológica entre duas palavras distintas, as quais possuem identidade de categoria, pois ambos são substantivos, mas nenhuma relação de conteúdo semântico.

(3) colher:     - utensílio doméstico  
                  - verbo que denota a ação de colheita

Neste caso, temos homografia, pois os itens lexicais em (3) possuem mesma forma gráfica, só que pronúncia distinta. O exemplo (3) é uma homonímia porque os significados não são relacionados, ou seja, não há acepção básica que possa ser recuperada entre o significado do substantivo *colher*, utensílio doméstico, e *colher* verbo, além da própria diferença de categoria substantivo/verbo. Vejamos outro exemplo a seguir:

(4) tira:        - pedaço de pano  
                  - policial

Percebemos que entre *tira* pedaço de pano e *tira* policial há apenas uma equivalência entre imagem acústica e grafia. Os significados das palavras exemplificadas são completamente distintos e não vemos acepções básicas que sejam compartilhadas entre o conteúdo semântico de *tira* pedaço de pano e *tira* policial, ou seja, sem inter-relação de sentido, temos um claro caso de homonímia de significado. Ambas possuem identidade de categoria, pois são substantivos, e uma coincidência de formas gráfica e fonológica, constituindo mais um caso de homonímia perfeita.

Já a polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua apresentam alguma relação entre si, ou seja, as palavras polissêmicas não são uma coincidência de formas, mas casos em que diferentes significados podem ser atribuídos a um mesmo item lexical e esses significados estão relacionados por acepções básicas (LYONS, 1987; PUSTEJOVSKY, 1995; ARAGÃO NETO, 2003; 2011; FERRAZ, 2014).

Seguindo essa lógica de que, no caso da polissemia, há mais de um sentido em uma única forma lexical, Ferraz (2014) cita o exemplo de *igreja*, que pode apresentar pelo menos três sentidos complementares: espaço físico, instituição religiosa e grupo de pessoas que fazem parte da instituição.

(5) O chão da *igreja* está sujo.

(6) A *Igreja* Católica existe há muito tempo.

(7) A *igreja* segue unida.

Em (5), o sentido da palavra está em igreja como espaço físico, pois se sabe que *chão da igreja* refere-se a uma parte do edifício. Em (6), o sentido está em igreja como instituição, pois, ao lermos, identificamos que *igreja católica* refere-se à igreja no sentido de organização religiosa. Em (7), *igreja* refere-se ao grupo de pessoas que fazem parte da instituição, pois, ao lermos a sentença, identificamos que *igreja unida* faz referência a sentimentos como reunião e harmonia, e esses sentimentos referem-se às pessoas que fazem parte da organização religiosa.

A partir dos exemplos acima, identifica-se que, nos três usos do item lexical *igreja*, o sentido é especificado pelo contexto da sentença. E, nos três exemplos, podemos recuperar um sentido básico existente entre as palavras, que é o de “igreja como instituição religiosa”, o que caracteriza o fenômeno polissêmico existente: em (5), *igreja*: “solo/piso (da instituição religiosa)”; em (6), *igreja*: “instituição/organização religiosa”; em (7), *igreja*: comunidade religiosa formada por pessoas que são unidas pela mesma fé.

Outro caso interessante de polissemia registra-se com o item lexical *tira*, apresentado como homonímia anteriormente. Segundo o dicionário Silveira Bueno (2007), *tira* é um pedaço de pano, papel etc., mais comprido que largo. Agora pensemos na *tirinha*, objeto de análise deste trabalho. A *tirinha* é um gênero textual, em que se narra uma história em uma *tira de história em quadrinhos*. Percebemos, pois, que, ao significante *tira*, podemos atribuir outros significados como *tira de história em quadrinhos* (tirinha), pois, ao pensarmos em uma *tira*, nos vem à mente a acepção básica de que é algo mais comprido do que largo. Assim, há os sentidos da palavra *tira*, que possuem relações básicas entre si. Apesar de *tirinha* estar no diminutivo, ainda é uma *tira*, como também é o caso de uma tira (tirinha) de tecido, tira (tirinha) de papel etc. No caso da tirinha gênero textual, uma de suas características é seu formato retangular, ou seja, mais comprido que largo, o que evidencia a relação polissêmica existente entre as palavras tira (de texto) e tira (de pano), por exemplo.

O exemplo de *tira*, ora homonímia ora polissemia, permite-nos demonstrar a complexidade das relações lexicais postas nesses casos de ambiguidade, em que, por vezes, competem julgamentos que ficam a cargo do falante e de seu potencial repertório semântico para recuperar, entre diferentes significados, relações básicas. Se recuperadas, como entre *tira* de pano e *tira* gênero textual (algo mais comprido que largo, um pedaço (de pano ou de história em quadrinhos)), a ambiguidade é um caso de polissemia. Se não recuperadas, como entre *tira* (de pano) e *tira* (agente de segurança pública, policial), então a ambiguidade é um caso de homonímia.

### **Gênero textual tirinha – aspectos de constituição**

Conforme Koch e Elias (2009a), todo gênero é marcado por sua esfera de atuação, que promove modos específicos de combinar conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição. Sendo assim, os gêneros possuem uma finalidade específica, como é o caso do gênero argumentativo artigo de opinião, em que geralmente se exigem características mais formais, ou da tirinha, que também pode ser argumentativa, em que o espaço textual é menor, mas em que há forte expressão do trabalho e da crítica do autor, porém com abertura para o emprego de uma linguagem menos formal e mais artística, se comparada ao artigo de opinião (KOCH ; ELIAS, 2009a; 2009b).

Em termos específicos de composição dos gêneros, podem-se elencar diversos fatores de estrutura textual que os individualizam (micro e macroestrutura). Silva (1999), ao discutir a superestrutura do texto, afirma que ela reporta a modelos abstratos constituídos por uma série de partes, algumas obrigatórias, outras optativas, que se organizam, determinando os arranjos (macroproposições) possíveis para estruturar o conteúdo informativo do texto. Quanto a esse aspecto, existem as propriedades internas à constituição do texto, (microestrutura) e o esquema global (macroestrutura).

Antunes (1996) afirma que a microestrutura refere-se ao nível local, às frases ou às sequências, e a macroestrutura ao nível global, aos fragmentos maiores do texto. A autora considera também que essa definição vai além de organizar as partes do texto (macroestrutura), e organizar as partes da frase (microestrutura), mas que ambas compõem um eixo, e ao final devem ajustar-se e integrar-se de forma a resultar em um conjunto unificado. Ainda, conforme Antunes (1996), a organização do texto impõe exigências de continuidade. A autora explica que o que se enuncia num dado momento prepara o que vai ser

enunciado em seguida, caracterizando a prospecção do texto, e que o sentido global pretendido para o texto é que orienta e sustenta sua organização.

Silva e da Silva (2009), em uma concepção um pouco distinta do que seja macro e microestrutura, ressaltam que a macroestrutura refere-se à coerência e a microestrutura refere-se à coesão. Os autores expõem que a coerência global, ou seja, a macroestrutura, está direcionada ao sentido do todo textual, estabelecendo o modo em que são organizadas as informações no texto, levando em conta a progressão temática, o grau de informatividade, a contextualidade e a lógica argumentativa. E a microestrutura textual, ou seja, a coesão, é estabelecida por meio de mecanismos articuladores e de referencialidade, formados por conjunções, preposições, diversos tipos de conectivos, operadores argumentativos, coesão referencial, que são fundamentais para a textualidade.

Posto isso, neste trabalho, compreendemos que os elementos macroestruturais do texto são aqueles fundamentais para a harmonia textual (a progressão temática, a lógica argumentativa), a exemplo da coerência interna e da externa. Sobre a microestrutura, entendemos que é formada pela coesão dos elementos textuais, motivada por conectivos que estabelecem a ligação das ideias, entre proposições antecedentes e consequentes, possibilitando a progressão textual. Além disso, questões como léxico (incluindo processos de referenciação) e composição de predicados também fazem parte da microestrutura, assim como o emprego de recursos gramaticais específicos.

Claramente, os aspectos micro e macrotextuais estão mais relacionados à constituição de materializações textuais em si que à de gêneros. Entretanto, procedimentos recorrentes, tanto de micro quanto de macroestrutura, empregados em grande medida em materializações textuais pertencentes a um mesmo gênero, podem sugerir regularidades de constituição do gênero textual, conforme pretendemos argumentar nos casos de tirinhas analisadas, em que o efeito de humor se constitui pela ocorrência de ambiguidade lexical.

Em caracterização do gênero tirinha, Moterani e Menegassi (2010) afirmam que as tirinhas são em geral divididas horizontalmente, com um número limitado de quadrinhos; formadas por balões que representam a fala, o pensamento, ou seja, as expressões dos personagens. Quanto à estilística, a linguagem informal é bastante utilizada. Também afirmam que algumas tirinhas apresentam o uso de cores e de cenários, o que chama mais a atenção e facilita a compreensão e a visualização da obra pelos leitores. Concluem que o conteúdo temático das tirinhas em quadrinhos apresenta inúmeras possibilidades, sendo frequentemente humorísticos, mas também pode apresentar desde histórias de super-heróis até

as que abordam o contexto político e econômico mundial, sendo que o tema determinado depende da finalidade, dos objetivos e dos interlocutores a que o autor objetiva atingir.

Em Pessoa e Maia (2012), afirma-se que as tirinhas buscam representar as cenas que narram de maneira estática, por meio de imagens e textos, concernentes a ações, gestos, emoções, falas, entonações etc., que compõem uma narrativa. Para produzir todos esses efeitos, o autor se utiliza de recursos visuais como a fonte, as cores, os traços que marcam tempo e movimento, os balões e outros recursos.

Outro aspecto importante, destacado por Ramos (2009), é o fato de as tirinhas se assemelharem às piadas (anedotas), devido à presença de humor, que pode ser a sua principal característica. Além disso, a tirinha se apresenta ao leitor em um texto curto, no formato retangular, vertical ou horizontal, com um ou mais quadrinhos, diálogos curtos, recursos icônico-verbais próprios (como balões, onomatopeias, metáforas visuais, figuras cinéticas etc.), personagens fixos ou não e desfecho inesperado, sendo que este último é comumente o desencadeador do efeito de humor.

Vários autores veem nos quadrinhos (em que se incluem as tirinhas) uma linguagem autônoma, o que, para Ramos (2009), encerra a discussão de que seriam um ramo da literatura. Percebemos a linguagem autônoma dos quadrinhos<sup>1</sup> em Borges (2001) quando afirma que a história em quadrinhos introduziu uma nova forma de narrativa, que tem como ponto principal a união de duas linguagens, uma não-verbal e outra verbal, o que lhe confere um grande potencial criativo e comunicativo. Essa união das duas linguagens é o que chamamos de linguagem híbrida. A imagem nos quadrinhos, assumindo o papel de linguagem, pode ser interpretada e adquirir sentidos dentro do contexto social em que está inserida (BORGES, 2001).

Ainda de acordo com Borges (2001), a mensagem linguística da história em quadrinhos compreende um aspecto narrativo, no qual é feita a descrição do quadro, da situação ou das ações e a forma de diálogo. Para alcançar o objetivado, que é representar um diálogo, um fato ou ações cotidianas, a linguagem dos quadrinhos usa de diferentes recursos e procedimentos, explorando com originalidade os códigos verbais e não-verbais específicos inerentes a esse tipo de narrativa, tais como: o balão, símbolos (ideogramas e pictogramas), sinais de pontuação e as onomatopeias. (BORGES, 2001).

---

<sup>1</sup> Ramos (2009) afirma que se aplica a noção de hipergênero às histórias em quadrinhos, pois abarcam outros gêneros que compartilham das mesmas características, porém, com suas individualidades (tirinhas, charge, cartum etc.). Portanto, consideramos a tirinha como um gênero textual que surge do hipergênero história em quadrinhos.

Borges (2001) considera ainda que, no código das histórias em quadrinhos, os símbolos permitem uma inovação constante nos meios de expressão gráfica, ampliando a dimensão estética e informativa dos quadrinhos. No código icônico ou não-verbal da história em quadrinhos, temos a imagem, o espaço, as cores e a distribuição de planos, que, trabalhados em conjunto, constituem a mensagem. Quanto maiores forem a originalidade e a criatividade do desenhista na composição desses códigos, maior será a carga expressiva e comunicativa do texto.

### **Análise da polissemia como efeito de humor em tirinhas: de aspectos macroestruturais para aspectos microestruturais**

O gênero tirinha, como discutimos na seção anterior, é um gênero híbrido que mescla as linguagens verbal e não verbal em sua constituição. Entre os elementos macroestruturais que o compõe está o *tipo textual narrativo*, que geralmente está presente. O *tipo textual narrativo* faz parte do nível global, pois é formado por um conjunto de traços narrativos, que são o enredo da história, os personagens o tempo e o espaço, podendo apresentar narrador. Até mesmo elementos como título e autor são macroestruturais, pois são relacionados a aspectos significativos externos ao texto.

O título informa ao interlocutor o tema ou o assunto que será abordado, situando o leitor em relação à abrangência do texto. Muitas vezes, as tirinhas se apresentam em série (identificada pelo título comum) e a sequenciação entre elas é relevante, mas não determinante, tendo em vista o fato de possuírem também uma coerência individualizada. Pelo título, criam-se expectativas, lançam-se hipóteses e, em certos casos, define-se o alcance da cena retratada na tira: “almoço em família”, “entrega de boletim” e outros são exemplos de títulos cuja função principal é a de criar cenas e colocar o contexto às claras.

O autor é um elemento macroestrutural que também imprime significado, tendo em vista a expressividade artística das tirinhas. Como exemplo, pode-se tomar o autor argentino Quino, criador da personagem Mafalda. Ao pensarmos em Quino, ou na própria Mafalda, ativamos um saber acerca do estilo de tirinhas que o autor produz (que pode ser próprio ou compartilhado por uma época, gráfico ou temático), provavelmente, ativamos nosso conhecimento prévio – se houver – de que Mafalda é uma menina irônica e que vê o mundo de uma maneira incomum para a infância, que questiona a sociedade, a política, como um adulto (inclusive pela linguagem empregada), e não como uma criança.

Entre os elementos não-verbais da macroestrutura podemos ainda dar destaque para o personagem, que, em certos casos, fixa-se imprimindo à tira aspectos de significação. Como exemplo, considere-se:

#### (8) Tira Turma da Mônica<sup>2</sup>

**Quadro 1:** A personagem Cascão está em situação de risco, em um penhasco, suspenso, segurando-se em um galho, e grita “**SOCORRO...SOCORRO!!**”

**Quadro 2:** Uma nuvem indicando chuva surge no contexto, acompanhada da onomatopeia de uma trovoada “**CABRUM**”.

**Quadro 3:** Cebolinha surge e entrega um guarda-chuva ao Cascão, que, com expressão de alívio, diz “Obrigado!”

A partir do conhecimento prévio que o leitor possui acerca da Turma da Mônica, o que será essencial para a compreensão da tirinha descrita em (8), ativa também seus conhecimentos sobre Cascão: o menino que não gosta de banho. Nesse caso, a personagem, como elemento macroestrutural, remete ao tema que será tratado na tirinha. Logo no primeiro quadrinho, quando se apresenta a personagem em situação de perigo, a chamar por ajuda, Cascão está em um penhasco pendurado por um galho, o que fica evidente por suas pernas balançando no ar. O desespero da personagem é representado pelo balão com ondulações, pelos sinais gráficos escritos em caixa alta, (**SOCORRO... SOCORRO!!**), enfatizados pelo negrito, e pelo uso de exclamações. Todos esses elementos contribuem para evidenciar os gritos, informando a situação de perigo em que a personagem se encontra, demonstrada também na sua face, com expressão de desespero. Como visto, no primeiro quadrinho, mapeamos a circunstância em que a cena acontece.

No segundo quadrinho, a onomatopeia (elemento microestrutural) que imita som de trovoadas introduz novo elemento e traz para a tira o real motivo de desespero do menino: vai chover, ele vai se molhar e, como sabemos, Cascão não tolera água. O desfecho do humor acontece no último quadrinho, em que Cebolinha – outro personagem da Turma da Mônica – aparece para salvá-lo, entregando a ele um guarda-chuva. Cascão agradece e notamos o alívio em sua expressão facial, está a salvo, não da iminência da queda, mas de se molhar.

---

<sup>2</sup> Para visualizar a tirinha na íntegra, visite o endereço <http://noticiasdobrunopontocom.blogspot.com.br/2014/12/1-historia-em-quadrinhos-turma-da-monica.html>. O nosso último acesso foi em 28 de agosto de 2015.

Podemos então considerar que a personagem, nesse caso, é um elemento externo ao texto, por já pressupormos, de certa forma, o que acontecerá apenas pelo fato de sabermos quem está retratado na tira. A principal característica de Cascão é sua aversão à água, e essa informação (que não é dada na tira, mas também pode ser inferida a partir dela) é fundamental para que o leitor compreenda de fato a tira. A chuva, o aparecimento do Cebolinha (poderia ser qualquer outra pessoa a entregar o guarda-chuva), o galho, o penhasco nesse contexto são elementos microestruturais, mas as características psicológicas de Cascão são elementos macroestruturais essenciais para a coerência da tira descrita em (8): tomar banho de chuva é pior que cair em um penhasco.

Elementos microestruturais certamente guardam igual relevância para a interpretação de tirinhas, à medida que contribuem para a coesão do texto, conforme já destacamos. Podem ser considerados nesse nível todos os recursos gráficos tradicionalmente empregados na tirinha, as falas e as relações estabelecidas entre as palavras, entre elas a ambiguidade lexical por polissemia ou outros tipos de ambiguidade.

Os balões nas tirinhas são elementos de nível microestrutural, pois a forma pode designar a função do balão, representar o pensamento, gritos (como vimos no item anterior) e variadas expressões. A própria linguagem utilizada no gênero, como a seleção lexical, também é um elemento da microestrutura, pois o autor pode utilizar a linguagem como elemento caracterizador, para fazer referência a determinado regionalismo, grupo ou classe social etc. As expressões corporais (entre elas as faciais) das personagens também são elementos micro, pois estabelecem um efeito de sentido que pode representar o estado do personagem (alegre, triste, cansado etc.), também as onomatopeias são efeitos de sentido e podem representar o som de um avião caindo ou de um estômago faminto, ou som de trovão como vimos no exemplo do item anterior.

Considerando-se essa análise microestrutural na interpretação de tirinhas, observemos o caso de (9), a seguir:

### (9) Tira Turma da Mônica<sup>3</sup>

**Quadro 1:** Cebolinha, vestido como pintor e carregando material de pintura, anda tranquilo e cantarolando.

---

<sup>3</sup> Para visualizar a tirinha na íntegra, visite o endereço [http://saresp.fde.sp.gov.br/2004/subpages/Arquivos/3%C2%AA%20EF\\_Manh%C3%A3.pdf](http://saresp.fde.sp.gov.br/2004/subpages/Arquivos/3%C2%AA%20EF_Manh%C3%A3.pdf). O nosso último acesso foi em 28 de agosto de 2015.

**Quadro 2:** Com uma tela, tinta e pincéis em mãos, encontra com Mônica e pergunta “Mônica! Posso te pintar?”, ao que ela responde “Claro!”. Ambos com expressão de contentamento.

**Quadro 3:** Novamente cantarolando, Cebolinha pinta no corpo de Mônica, passando tinta sobre ela; agora Mônica não está nada contente.

Primeiramente, observemos que, na tirinha descrita em (9), o efeito de humor não se sustenta em um aspecto de caracterização das personagens em si, amplo e externo ao texto, mas por elementos que vão se combinando a cada quadro, em um encadeamento microestrutural. No primeiro quadrinho, em que Cebolinha está vestido e equipado como um artista plástico, chamam a atenção do leitor elementos não-verbais como o ritmo da caminhada, o semblante despreocupado do menino, os pincéis, a paleta de tintas. São todos elementos microestruturais que, juntos, contribuem para que o interlocutor perceba, na tira descrita em (9), que Cebolinha é um pintor.

No segundo quadrinho, entra em cena Mônica. Os balões com suas respectivas falas denotam uma agradável e empolgante proposta feita por Cebolinha e aceita por Mônica: Cebolinha quer pintá-la. Os dois personagens, no segundo quadrinho, ficam empolgados, Cebolinha por encontrar Mônica, e ela pela interessante proposta de ser pintada. No terceiro e último quadrinho é que o desfecho do humor acontece, pois se pensava que Cebolinha retrataria Mônica em tela, e não que ela seria a própria tela. A face da menina e o sinal gráfico acima de sua cabeça remetem ao descontentamento da personagem mediante à surpreendente e infeliz ideia de Cebolinha.

Nesse caso, os elementos microestruturais que compõem o texto conduzem o leitor a perceber o uso da ambiguidade como efeito de humor, linguisticamente marcada no segundo quadrinho: “Mônica! posso te pintar?”. Nesse caso, há ambiguidade de papel temático, pois, nas interpretações disponíveis, Mônica tanto pode ser entendida como *Objetivo* quanto como *Locativo*; na primeira interpretação, o papel temático de *Objetivo* se aplica à leitura de Mônica como objeto a ser retratado; no segundo caso, o papel temático de *Locativo* se aplica à leitura de Mônica como localidade/superfície para a qual a tinta será deslocada e sobre a qual será espalhada. Diante da proposta de Cebolinha, Mônica (assim como os leitores da tira) é conduzida à ideia de que ela será *Objetivo*; o último quadro a apresenta como *Locativo* e, da quebra de expectativa desencadeada por essa ambiguidade disponível no segundo quadro, mas cancelada no terceiro, decorre o efeito de humor.

Outro aspecto importante é que, geralmente, Cebolinha e Mônica possuem uma relação conflituosa, desencadeada pelo comportamento do menino, como chamá-la de baixinha, dentuça etc. Em (9), temos mais um caso em que o menino é retratado fazendo uma travessura para irritá-la, portanto, a relação “Mônica e Cebolinha” pode ser considerada elemento macroestrutural, pois é externa ao texto específico e se constitui como desencadeadora de efeito de humor não apenas em (9), mas também em outras tiras sequenciais.

Até este ponto, vimos caracterizando como elementos microestruturais e elementos macroestruturais contribuem para a produção do efeito de humor em tirinhas e são acessados pelo leitor para a interpretação do texto. Agora vamos nos centrar especificamente na microestrutura e na ambiguidade lexical por polissemia, que são o centro desta análise. Para isso, consideremos a tirinha descrita em (10).

As histórias de Hagar, também conhecido como Hagar, O Horrível, personagem criado por Dik Browne, são mundialmente conhecidas. Hagar é membro de uma antiga civilização europeia, os vikings. Vikings eram guerreiros exploradores da antiga Escandinávia. Essas características aparecem nas histórias da personagem, nas batalhas que enfrenta, no seu dia a dia. Dentre outras características, ele é um homem de família, possui esposa e filhos, mas o que se destaca em suas histórias é a forma grosseira de a personagem agir, sendo assim, podemos considerar a brutalidade da personagem como uma característica macroestrutural do texto, o que fica evidente a partir do próprio título atribuído ao conjunto da narrativa: Hagar, O Horrível.

#### (10) Tira Hagar, O Horrível<sup>4</sup>

**Quadro 1:** Eddie Sortudo e Hagar conversam, sentados na floresta. Eddie pergunta “Há quanto tempo você tem essa barba?”. Hagar responde: “Desde que meus filhos eram bebês. Isso me faz lembrar daqueles doces tempos...”

**Quadro 2:** Hagar continua, mas com ar de alegria e não mais de nostalgia: “...quando eu podia roubar os doces deles e guardar na barba para mais tarde!”.

Pelo primeiro quadrinho, o leitor é levado a pensar que Hagar tem boas lembranças de quando seus filhos eram pequenos, pensamento conduzido pela expressão “doces tempos”. O efeito de humor, característico das tirinhas da personagem, aparece no segundo quadrinho,

---

<sup>4</sup> Para visualizar a tirinha na íntegra, visite o endereço <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15072767.jpeg>. O nosso último acesso foi em 28 de agosto de 2015.

quando a personagem complementa a afirmação que fizera no quadrinho anterior e provoca um deslocamento de interpretação do item lexical “doces”: “doces tempos” da infância dos filhos passa de um tempo bom, em que coisas boas aconteciam, para um tempo em que se comiam doces, roubados de bebês.

Essa tirinha possui um item lexical ambíguo responsável por desencadear o efeito de humor. A palavra *doces*, no primeiro quadrinho, tem o significado de algo agradável, que causa uma boa sensação, relativa a boas recordações, de memória positiva. Já no segundo quadrinho, a palavra *doces* designa um conjunto de alimentos produzidos com açúcar (balas, pirulitos). A tirinha descrita em (10) tem seu efeito de humor desencadeado, portanto, por um caso de ambiguidade lexical, e essa ambiguidade é polissêmica porque *doces* apresenta diferentes significados, que estão relacionados por acepções básicas. Ambos referem-se a algum *sabor/sensação agradável*, podendo ser como no primeiro quadrinho, em que o foco do significado está em lembranças agradáveis para a memória, ou como no segundo quadrinho, em que o foco está no sabor agradável ao paladar (em ambos os casos, o resultado é um sentimento de satisfação da personagem).

Também podemos evidenciar no segundo quadrinho a presença das características macroestruturais da personagem principal na história, pois, a partir do uso da ambiguidade lexical, que o autor utiliza para atender ao propósito comunicativo da tirinha, percebemos o realce da brutalidade da personagem, ao afirmar que roubava os doces de seus filhos, e de sua característica de glutão, comilão. Apesar dos traços realçados, consideramos que o foco do efeito de humor da tira descrita em (10) é a ambiguidade lexical, em que há mudança categorial (de modificador (“doces tempos”) a nome (“os doces deles”)), estabelecida como um elemento microestrutural do texto. Similar a este caso, observemos (11):

#### (11) **Homem-Legenda**<sup>5</sup>

**Quadro 1:** Marido, na cama, lendo, pergunta à esposa, que acaba de chegar em casa e está usando roupa curta e provocativa: “Amor, onde você estava até esta hora?”

**Quadro 2:** Esposa, com ar feliz, responde: “Estava dando aula!”. Homem-Legenda surge e afirma: “Estava dando!”.

**Quadro 3:** Homem-Legenda voa para longe, rindo (rs rs rs rs) e deixa o casal, consternado, homem chocado, mulher aflita.

---

<sup>5</sup> Para visualizar a tirinha na íntegra, visite o endereço <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15062264.jpeg>. O nosso último acesso foi em 28 de agosto de 2015.

A tirinha descrita em (11) é do cartunista Adão Iturrusgarai e pertence a uma série publicada regularmente no jornal *Folha de São Paulo*. O Homem-Lenda é um tipo de super-herói que ninguém deseja ter por perto, pois fala a verdade de verdades que normalmente não são ditas, é objetivo, não usa eufemismos e vai direto ao assunto, com uma franqueza cortante. Apesar dessas informações macroestruturais que caracterizam a tirinha descrita em (11), o leitor não precisa acioná-las para construir o efeito de humor que, novamente, se estrutura sobre a ambiguidade lexical por polissemia.

Observa-se que há ambiguidade incidindo sobre o item lexical *dando*. Na fala da mulher, “estava dando aula”, temos acionado o sentido de ministrar aulas, lecionar. Já na fala do Homem-Lenda, em que o objeto “aulas” é apagado, o sentido da palavra tem conotação sexual, isso quer dizer que ele está afirmando que a mulher, em verdade, estava em atividade sexual extraconjugal. O verbo *dar*, no português brasileiro, é altamente polissêmico, possui diversos significados, entre eles estão os dois acionados pela tira.

*Dar* com referência à prática sexual não se realiza com complemento verbal e é uma expressão informal, popularmente conhecida, com conotação vulgar. A expressão “dar aula” é amplamente conhecida como sinônima de “lecionar”, sempre acompanhada de complemento. Entre ambas se recupera a acepção básica *oferecer, proporcionar ou entregar alguma coisa a alguém*. Na fala da mulher, ela estava *proporcionando* aulas a alguém, e na fala do Homem-Lenda, ela estava *proporcionando* prazer sexual.

O último caso que analisaremos está descrito em (12):

(12) **Lili, a ex**<sup>6</sup>

**Quadro 1:** Lili conversa com alguém pelo telefone, em frente a uma mesa repleta de medicamentos. “Estou tomando **VÁRIOS** antidepressivos para segurar a onda... cada dia faço um “**COQUETEL**” diferente!”

**Quadro 2:** Enquanto toma alguns comprimidos, pergunta: “Você também?”

**Quadro 3:** Com expressão de quem está alucinada, Lili exclama: “Temos que trocar **RECEITAS!**”

Lili, a ex, do cartunista Caco Galhardo, é uma personagem cheia de tormentos e obsessões. O autor usa dessas aflições para satirizar, principalmente, o término de

---

<sup>6</sup> Para visualizar a tirinha na íntegra, visite o endereço <http://f.i.uol.com.br/folha/cartum/images/15061202.jpeg>. O nosso último acesso foi em 28 de agosto de 2015.

relacionamentos, por isso o nome, Lili, a ex. No caso da tirinha descrita em (12), temos ambiguidade lexical por polissemia estruturada em dois itens lexicais, cujos sentidos se complementam, *coquetel* e *receitas*. Diferentemente das tiras analisadas anteriormente, no caso de (12), a ambiguidade não é desfeita e sua manutenção é que sustenta o efeito de humor.

O item lexical *coquetel*, no contexto de (12), aciona as interpretações de combinação de medicamentos (coquetel de medicamentos) e drinque alcoólico em que se combinam ingredientes. Em ambos os casos, há o acionamento da acepção básica compartilhada *combinação de elementos* ou *conjunto de elementos combinados*. Nesse caso, não há mudança categorial e, nos dois usos, *coquetel* é classificado como nome.

O item lexical *receitas*, em complementariedade, também aciona dois significados: o de documento médico, entregue ao paciente para instruir e autorizar a compra de medicamentos (receituário médico) – e este sentido se relaciona com o de *coquetel de medicamentos*; e o de conjunto de instruções sobre o preparo de algo, ingerível ou não (receita gastronômica, receita de tricô e outras) – e este sentido se relaciona com o de *coquetel de bebida alcoólica*. Ambos os significados estão relacionados pela acepção básica *conjunto de orientações a seguir*, presente tanto no uso de *receita de medicamentos* quanto no uso de *receita de coquetel*.

Considerando o contexto da tira, é possível afirmar que os dois casos de polissemia se entrecruzam e a ambiguidade disparada não deve ser desfeita, pelo contrário, a pluralidade de interpretações é o efeito maior de sentido na sátira da vida cotidiana contida na tira (uso excessivo, desorientado e indiscriminado de medicação, em especial antidepressivos). Portanto, podemos considerar que a polissemia é um recurso pertencente à microestrutura desse texto e que, ao lado de outros elementos, concorre para a construção da coerência global da tira.

### **Considerações finais**

Nas tiras analisadas neste trabalho, buscamos evidenciar como elementos pertencentes à microestrutura do texto são acionados em textos do gênero tirinha para o estabelecimento do efeito de humor. A análise evidenciou que, embora aspectos macroestruturais das tiras colaborem para a construção da coerência global (como características psicológicas de personagens e informações da narrativa sequencial de tiras de uma mesma série), existem

fatores semânticos, pertencentes à microestrutura, dos quais também se lança mão com frequência para o estabelecimento do efeito cômico.

A ambiguidade lexical por polissemia se apresenta como recurso bastante efetivo nesse caso, por possibilitar que um conhecimento linguístico estruturado acerca de fenômenos linguísticos específicos instaure um contexto de aparente equívoco de linguagem, do qual decorre a quebra de expectativa (como visto em “Mônica, posso te pintar?”, tira descrita em XX) e a pluralidade de sentido que nem sempre precisa ser eliminada na tira (como visto no emprego dos itens polissêmicos *receita* e *coquetel*, na tira descrita em XX).

Com isso, queremos sustentar que o contexto narrativo próprio da tira e todos os recursos que caracterizam a produção desse gênero favorecem o emprego da polissemia como recurso de humor. Assim, esse fenômeno que se instaura em nível microestrutural é um importante elemento para a construção da coerência global de tirinhas em que é empregado e está relacionado à macroestrutura, embora, em muitos contextos, o leitor pode até mesmo desconhecer informações macroestruturais que são acionadas no texto e, mesmo assim, compreender o efeito de humor por ter um conhecimento semântico específico que o permite interpretar a polissemia em jogo.

## Referências

ANTUNES, Irandé Costa. **Aspectos da coesão do texto**: uma análise em editoriais jornalísticos. 1ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

ARAGÃO NETO, Magdiel M. Um tratamento híbrido para a polissemia. In: CAMBRUSSI, Morgana F.; ARAGÃO NETO, Magdiel M.. (Org.). **Léxico e Gramática**. 1ª ed. Curitiba - PR: CRV, 2011. p. 33-66.

\_\_\_\_\_. A polissemia de acordo com a teoria do léxico gerativo. **Revista Riscos**, São Miguel do Oeste - SC, v. 6, p. 8-17, 2003.

BORGES, Lien Ribeiro. Quadrinhos: literatura gráfico-visual. **Revista Agaquê**, ano III, vol. 3, n. 2, agosto de 2001. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano3/numero2/agaquev3n2\\_1.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano3/numero2/agaquev3n2_1.htm)>. Acesso em: maio de 2015.

FERRAZ, M. M. T.. Homonímia ou polissemia? Contribuições da semântica lexical para a organização de dicionários. In: Magdiel Medeiros Aragão Neto, Morgana Fabíola Cambrussi (org).1 Ed. **Léxico e gramática**: novos estudos de interface. Curitiba, PR: CRV, 2014. p.123-141.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009b.

LISBOA, Jussara Pedrosa. Conhecimento da superestrutura argumentativa e compreensão leitora de universitários. **Anais da V Semana Acadêmica de Letras da PUCRS**, Porto Alegre: PUCRS, 2005, p. 1-53. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas\\_PDF/Jussara%20Pedroso%20Lisboa.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas_PDF/Jussara%20Pedroso%20Lisboa.pdf)>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARCOLIN, Paula; MATTOS, Gilson. Aspectos macro e microestruturais do gênero artigo científico da área Econometria: um estudo exploratório. In: **Anais do Salão de Iniciação Científica**, Porto Alegre-RS, UFRGS, out. de 2009, p. 19-23. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/textquim/arquivos/Paula.pdf>> acesso em: 14 de abril de 2015.

MOTERANI, Natália Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. O conteúdo temático no gênero discursivo tiras em quadrinhos. **Acta Scientiarum**. Language and Culture (Impresso), v. 32, p. 225-232, 2010.

PESSOA, Alberto Ricardo; MAIA Gisele Gomes. As tirinhas como ferramenta de estudo da linguagem oral. **Revista Temática**, Ano VIII, n. 04 – Abril/2012, 2012. Disponível em: [http://www.insite.pro.br/2012/abril/tirinhas\\_linguagem\\_oral.pdf](http://www.insite.pro.br/2012/abril/tirinhas_linguagem_oral.pdf). Acesso em: maio de 2015.

PUSTEJOVSKY, J. **The Generative Lexicon**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 38 (3), p. 355-367, set.-dez. 2009.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta** (PUCMG), Belo Horizonte: Editora PUC/MG, v. 2, n.2, p. 87-106, 1999.

SILVA, Eliana dos Santos. DA SILVA, Geraldo José. Aspectos microestruturais em textos dissertativos universitários: o uso dos operadores argumentativos na construção textual. **Anais do Encontro de Iniciação Científica-ENIC**, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação-PROPP, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uems.br/index.php/enic/article/view/2097>. Acesso em: 10 abr 2015.

Artigo recebido em: 29/08/2015

Artigo aceito em: 14/10/2015

Artigo publicado em: 01/12/2015